

O HÓSPEDE

Achei que ele estava mais gordo.
— "Pudera! Um mês sem sair de casa!"

E enquanto esperávamos passar o caminhão em que ele, vestido como um trabalhador braçal, deveria sair da cidade cercada pelos agentes do governo, me contou a temporada que passara, escondido.

— "Fui porque não tinha um tostão no bolso, estava completamente acuado pela polícia e não sabia o que fazer. Era uma casinha na subida do morro, mas uma casa verdadeira, não um barraco de zinco. Eu nunca tinha visto o dono da casa: ele é colega de um amigo de meu irmão e se oferecera para me dar refúgio mesmo sabendo que se a polícia me descobrisse ali isso seria uma desgraça para ele e a família. Quando cheguei lá ele não estava em casa. Bati e apareceu uma negra velha, que era a empregada; disse que eu voltasse outra hora, e olhava com estranheza a minha mala. Pedi para falar com a dona da casa. Demorou muito a vir — acho que já tinha me visto pela porta semi-aberta. Era uma senhora de seus trinta anos, com um vestido branco, muito fresca, cheirando ao sabonete do banho.

— Quero falar com o sr. Viana.

— Ele não está.

Fiquei indeciso um instante: sair novamente à rua era perigoso, ainda mais com aquela mala na mão:

— E' por que ele disse que eu viesse aqui?..

— Mas ele só chega às 7 horas.

Eram quatro, quatro e meia da tarde. Certamente seria melhor que eu tivesse feito a mudança à noite, mas eu estava com um pressentimento de que aquela noite a polícia daria no quarto onde eu estava; logo que recebeu o recado do Manuel com o endereço resolveu sair. Fiquei embaraçado, pensando se devia explicar alguma coisa à senhora, ainda mais indeciso devido à presença da empregada.

— Ele não deixou recado dizendo que eu vinha?

— Não dissera nada. Pedi para deixar a mala, e a senhora acedeu com desconfiança. Seus olhos eram quase verdes e os cabelos eram de um negro raro; havia alguma coisa de antipatia, de desprezo em sua maneira de me tratar. Era mais bonita do que feia.

Fiquei andando por ali, voltei às 7 e meia da noite. Viana viera para casa mais cedo, às 6, exatamente por minha causa; era um homem pequeno, careca, sério. Disse-me que não fazia política mas simpatizava com a nossa atitude, que aliás nem sempre aprovava; mas achava que todo homem tem direito de ter suas idéias; essas conversas. Eu pedi desculpas pelo incômodo que ia lhe dar ficando em sua casa, tinha esperança de ser por muito poucos dias...

— E a dona da casa continuou tratando você mal?

No dia seguinte ouvi quando ela disse ao Viana — sabia que ela estava falando alto para que eu escutasse — que aquilo era uma loucura, uma coisa mais sem jeito, aquele tipo metido em sua casa. A resposta não ouvi — a voz dele era baixa e grossa. Tratei de causar o mínimo transtorno possível ao lar: passava o dia na saleta, quietíssima, onde à noite se armava uma cama de vento para eu dormir. Aos poucos, porém, a negra velha foi me criando amizade. No fim de uma semana não posso dizer que a dona da casa também me tratasse bem, mas já me olhava, me cumprimentava, oferecia cafézinho. Aquêlê jeito meio antipático de falar com que me recebera não era antipatia não, comeci a pensar: era jeito mesmo. Falava quase do mesmo modo ao marido e à negra velha que, entretanto, fora sua ama em criança. Um dia ela me perguntou: "Por que o senhor tão moço, tão inteligente, metido nessas coisas, quando podia estar gozando melhor a vida, passeando, namorando..." Acho que fiquei vermelho. Será que ela notara os olhares que disfarçadamente, inevitavelmente, eu lançava à sua boca, ao seu corpo? Então eu disse para mim mesmo: "Bem, se eu fizer qualquer coisa, seja o que for, a respeito dessa senhora, da mulher desse homem, eu sou o sujeito mais desprezível, mais sem caráter do mundo..."

Alguém bateu à porta. O caminhão o esperava. Ele pegou sua mala de foragido e, antes de partir para seu destino incerto, me pôs a mão no ombro, me olhou nos olhos com uma expressão que tanto podia ser de vergonha como de desafio, de fatalismo como de tristeza:

— "Eu era, meu velho". — E partiu.

30/1/53 R.B.